



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E A PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS AMBIENTAIS: TEMPO E ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

Lívia Lüdke Lisbôa¹
José Cláudio Del Pino²

RESUMO

Pensando a Educação Ambiental (EA) como um processo de construção de valores, pode-se ponderar sobre os diversos locais nos quais esta ação se dá, sendo que estes espaços não estão confiados apenas à sala de aula, na prática da EA formal, dando-se, pelo contrário, muitas vezes para além dos muros escolares. Por isso, histórias em quadrinhos e a mídia em geral podem ser consideradas como produtoras de subjetividades, identidades e gêneros, percebendo-se assim a importância destes locais de aprendizagem, enquanto formadores dos sujeitos.

Portanto, no presente estudo, buscou-se analisar as diferentes formas como as revistas da Turma da Mônica, de Mauricio de Souza, abordam a temática meio ambiente, difundindo assim alguns saberes ambientais. Estes podem estar presentes explícita e/ou implicitamente no conteúdo das histórias e, portanto, este trabalho busca também mostrar quais são os principais artefatos utilizados nesse espaço (como imagens, textos, discursos, entre outros) visando à sensibilização do leitor.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos, Meio ambiente, Locais de aprendizagem.

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: liviallisboa@yahoo.com.br.

² Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área de Educação Química - Instituto de Química. E-mail: aeq@iq.ufrgs.br.

ABSTRACT

Thinking of Environmental Education (EE) as a process of construction of values, we can evaluate the many spaces where this action takes place, since those places are not only classrooms, like the formal EE, occurring, a lot of times, away from the limits of the school. Because of that, comics and media in general can be considered producers of subjectivity, identities and genders, realizing then the importance of those learning places as subject makers. On this behalf, in this study we aim to analyse the different ways of how the comic books of Turma da Mônica, written by Mauricio de Souza, approach the topic environment, spreading some environmental knowledges. Those, could be present explicitly or implicitly on the content of the stories, hence this work intends to show also which are the main artefacts used in this space (for example, images, texts, speeches and others) addressing the sensitization of the reader.

Keywords: Comic strips, Environment, Learning places.

INTRODUÇÃO

De modo geral, se define a educação como sendo uma prática social com o objetivo principal de aprimoramento do ser humano naquilo que pode ser apreendido a partir dos saberes de uma cultura, atuando na construção e produção dos valores culturais (BRANDÃO, 1985). Pode-se então considerar que a educação não é a reprodução de um padrão vigente, mas sim a possibilidade de modificação deste padrão.

O Art. 1º da Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, conceitua a Educação Ambiental (EA) como os “processos pelos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas à conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”. Nesse sentido, conforme Kindel et al. (2004), a Educação Ambiental considera o ser humano como um integrante, agente na natureza, e busca uma modificação na forma como esse se relaciona com ela. Assim, os processos de ensino e aprendizagem requerem que todos os envolvidos sejam sensibilizados frente às questões ambientais, para que ocorra uma conscientização, seguida da construção de novos hábitos e conhecimentos a respeito da nossa importância e responsabilidade com o ambiente.

Pensando a EA como um processo de construção de novos valores, pode-se ponderar sobre os diversos locais nos quais esta ação se dá, sendo que estes espaços não estão confiados apenas à sala de aula, na prática da EA formal, dando-se, pelo contrário, muitas vezes para além dos muros escolares, assim como os tempos e espaços nos quais se adquire cultura, que são produzidos na articulação de diferenças culturais (BHABHA, 1998). Neste contexto, a mídia (seja ela impressa, visual, etc.) coloca-se em posição privilegiada no que diz respeito à produção

de sujeitos e saberes, assumindo assim um caráter pedagógico, de construção de identidades. Segundo Pressanto (2004), uma parte importante desta construção de identidades, e o processo de educação como um todo, podem ocorrer quando se integra o ensino formal em sala de aula, com tecnologias audiovisuais, impressas, orais, corporais, musicais, etc.

Levando isto em consideração, o objetivo principal deste trabalho é a realização de uma análise das diferentes formas como as revistas da Turma da Mônica, de Mauricio de Souza, abordam a temática meio ambiente, difundindo assim alguns saberes ambientais. Estes, podem estar presentes explícita e/ou implicitamente no conteúdo das histórias e, portanto, este trabalho busca também mostrar quais são os principais artefatos utilizados nesse espaço (como imagens, textos, discursos, entre outros) visando à sensibilização do leitor.

DIFERENTES ESPAÇOS EDUCATIVOS E A FORMAÇÃO DOS SUJEITOS

Ao entrar em contato com trabalhos como o de Santos (2005), no qual a autora discorre sobre o papel desempenhado pelas revistas e pela mídia em geral, enquanto produtoras de subjetividades, identidades e gêneros, pode-se perceber a importância destas pedagogias culturais enquanto formadoras dos sujeitos. Ao analisar também o discurso de outros autores, podem-se encontrar estudos que corroboram tal hipótese. Figueiredo (2001) sugere que a mídia, por intermédio de seus meios de comunicação, ao atingir a população em geral, leva notícias das mais variadas, sendo que os seus veículos de massa (televisão, rádio, jornais, revistas e internet) podem ser considerados poderosos aliados junto à educação, pois desde que o homem conseguiu utilizar pela primeira vez sons e signos, a sociedade moderna habituou-se a adquirir informações através destes meios.

Seguindo esta linha, é importante atentar também para o que diz Amaral (1997, p.26), ao afirmar que “no cerne do debate pós-moderno encontra-se o final de separações importantes, o apagamento de algumas fronteiras antigas, principalmente entre a “alta” cultura e a chamada cultura popular ou cultura de massa”. É necessário “se tentar produzir novas metodologias e novos referenciais teóricos que possibilitem analisar a produção, a estrutura e a troca do conhecimento frente à diversificação dos lugares de aprendizagem” (Ibid., p.28). A mesma autora trata ainda da variedade de instâncias culturais que podem vir a produzir significados, e afirma que:

Além dos tradicionais livros didáticos, podem ser reconhecidos como instâncias legítimas, os livros infantis, os desenhos animados, as histórias em

quadrinhos, filmes de ficção, programas infantis, documentários, anúncios publicitários, novelas, obras de arte, fotografia, etc (Ibid., p.25).

Neste contexto então, pode-se entender os meios de comunicação de massa como formadores de opinião, sendo que a mídia cumpre, intencionalmente ou não, um papel fundamental na construção dos valores sociais e individuais. As “verdades” que são representadas e estabelecidas pela mídia, podem vir a produzir modos de ser que constituem as subjetividades dos sujeitos. Portanto, a partir do momento em que tal mídia é compreendida como construtora de imaginários, a mesma acaba por servir como referência para a produção das identidades que se estabelecem, se formulam e reformulam de acordo com a interação do sujeito com o meio que o cerca. Sobre isso, Fagundes (2005) sugere que o que se aprende tem relação com o local, com a interação entre as pessoas e com o momento, e que o processo de formação não ocorre somente na escola, ocorrendo, porém, em múltiplos espaços, da mesma maneira como as aprendizagens que ocorrem nestes espaços também são múltiplas.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO LOCAL DE APRENDIZAGEM

Histórias em quadrinhos (HQs), entendidas como um artefato cultural, produtor de significados, constituem-se num material de fácil compreensão, não necessitando que a pessoa que a tenha em mãos saiba ler o código da língua escrita, possibilitando uma outra leitura compreensiva pelo leitor, desde crianças a adultos não escolarizados. Isto porque as HQs são compostas não apenas pela linguagem literária, mas também pela linguagem gráfica, visual e, segundo Eisner (1999, apud SCHMIDT, 2007, p.40) “as histórias em quadrinhos (...) são um meio visual composto de imagens. Apesar das palavras serem um componente vital, a maior dependência para a descrição e narração está em imagens entendidas universalmente”.

Desta maneira, as HQs podem promover um tempo e um espaço para o processo de ensino e aprendizagem. Entendendo as mesmas como literatura infanto-juvenil e como um veículo de comunicação elaborado pela imprensa escrita, infere-se que as HQs inscrevem-se entre os artefatos que podem ser uma porta de entrada para a compreensão do universo das práticas e conhecimentos dos alunos e dos professores no ambiente escolar (SCHMIDT, 2007), e também fora dele.

Isto porque a utilização de um instrumento relativamente distante dos materiais tradicionais em uso nas escolas pode causar um positivo estranhamento aos alunos. Esse estranhamento possibilita revelar alguns caminhos que os levem a um desenvolvimento das concepções em relação às práticas culturais no

universo escolar, principalmente no que diz respeito à construção do conhecimento histórico (Ibid,p.6).

A história das histórias em quadrinhos

As HQs, segundo Couperie et al. (1970), foram prenunciadas na Europa com os nomes de Topffer e Bursch, entre 1840 e 1860. Segundo estes autores, foi no ano de 1880 que a história em imagens e sem texto algum invadiu as revistas francesas, e nessa mesma década os Estados Unidos já estavam dominando a literatura desenhada, devido à criação de diversas revistas, que traziam as histórias cômicas como foco. Os autores ainda afirmam que essa concorrência e rivalidade na criação de histórias deram uma grande contribuição à história das HQs, na medida em que foi grande o aumento da originalidade e virtuosidade na técnica.

Mesmo com esse movimento ocorrido entre 40 e 60, as HQs como cultura de massas vão aparecer somente em 1895, com o “boom” da imprensa americana. É durante a revolução industrial, em uma sociedade consumista e urbana, de produções em massa, que no jornal New York World, Richard Fenton Outcalt, criou o personagem Yellow Kid (Menino Amarelo) que era publicado aos domingos nesse jornal. O garoto usava um camisolão amarelo que exibia frases cômicas a cada quadrinho. O termo “jornalismo amarelo” ficou conhecido após a criação do Yellow Kid, referindo-se à imprensa sensacionalista, que buscava o sucesso fácil com o grande público.

Feijó (1997) considera o Yellow Kid como o precursor das HQs como se conhece na atualidade. Seus atributos como a produção de forma contínua nos jornais, um personagem fixo, a preocupação em atingir um público alvo cada vez maior e a introdução do balão de diálogos, um dos constituintes mais importantes de uma HQ, fazem dessa história um marco no mundo das histórias em quadrinhos.

No final da década de 40, as vendas de gibis começaram a decair, recuperando-se apenas por volta de 1960, quando as histórias passaram a se dividir entre os gibis de super-heróis e os artistas independentes (LIMA, 2002). Na década de 60, o movimento underground acaba por mostrar novos caminhos e abrir espaço para novos artistas. A partir da década de 80 e 90, os quadrinhos conquistam amplamente o seu espaço, e a visão das pessoas não é mais a que pensa serem as HQs uma literatura apenas voltada para o público infanto-juvenil.

No Brasil, no dia 11 de outubro de 1905, surge a primeira revista a publicar histórias em quadrinhos: O Tico-Tico (1905-1962). Publicada pela editora “O Malho”, O Tico-Tico foi uma revista em quadrinhos dedicada inteiramente às crianças, e que acabou por ser produzida por mais

de 50 anos. Foi um dos pontos de partida para o surgimento da literatura infantil no país, tendo levado muitas pessoas ao hábito da leitura (BARALDI, 1986).

Sobre as revistas de Mauricio de Souza - material empírico de análise do presente estudo - foi na década de 70 que o autor iniciou a publicação de revistas em quadrinhos de banca, quando Mônica foi lançada já com tiragem de 200 mil exemplares e seguida, dois anos depois, pela revista Cebolinha e nos anos seguintes pelas publicações do Chico Bento, Cascão, Magali, Pelezinho e outras. Seus trabalhos começaram a ser conhecidos no exterior e, em diversos países, surgiram revistas com a Turma da Mônica.

Em 1980, o Brasil se vê invadido pelos desenhos animados japoneses e Mauricio perde espaço. Tenta investir na televisão e abre um estúdio de animação, a Black & White. Porém a instabilidade financeira, econômica e política do país fazem com que seus planos não sejam muito bem sucedidos. Mauricio então coloca todas suas forças na publicação de quadrinhos e investe fundo em merchandising até os dias de hoje.

É interessante notar que a maioria dos principais personagens criados por Mauricio de Souza realmente existiu, ou existe. Chico Bento, criado em 1961, teve como modelo um tio-avô de Mauricio; Mônica foi criada em 1963 (e em 1970 ganhou revista própria), baseada na filha de Mauricio que tem o mesmo nome; Magali é inspirada na outra filha de Mauricio; Cebolinha, criado em 1960, fazia parte da turma de amigos de Mauricio quando garoto, e Cascão, que “nasceu” em 1961, é baseado nas recordações de infância do próprio autor.

Segundo Natal³ (2005):

As narrativas dos personagens de Mauricio de Souza são fortemente galgadas no politicamente correto. Assim, seus personagens estão constantemente se esforçando para preservar a natureza, lutando contra aqueles que prejudicam a fauna e a flora, além de poluidores da natureza e pessoas "más" de uma forma geral, no sentido dicotômico-maniqueísta. Não há vilões fixos nas histórias, com raríssimas exceções de personagens que muito pouco aparecem, como o Capitão Feio, um poluidor superpoderoso. Mas mesmo estes não são realmente "malignos". Suas atitudes são moderadas e leves.

Cabe citar alguns trechos de Mauricio de Souza em entrevista cedida à Revista da Rede Aguapé – Educação Ambiental para o Pantanal, no ano de 2003⁴. A entrevista gira em torno de

³ Para maiores informações sobre a obra, consultar a revista Digital de Comunicação, Agrobusiness e Meio Ambiente, disponível em: <<http://www.agricoma.com.br/rev2artigoCrhisBenjamimNatal.htm>>. Acesso em julho de 2008.

perguntas relacionadas com Educação Ambiental e as HQs de Mauricio de Souza, tendo o título de “A Turma da Mônica na onda da Educação Ambiental”. O texto se inicia com a seguinte frase de Mauricio:

A gente trabalha com milhões de pessoas e milhões de crianças, então temos que contar as histórias muito direitinho, muito certinho, com carinho e, de preferência, botando no meio do lazer algum tipo de mensagem. E logicamente, nos dias de hoje, nós temos que falar da necessidade de cuidar do meio ambiente.

Mauricio afirma que sua preocupação em tratar sobre temas relacionados com a preservação do meio ambiente e problemáticas ambientais enfrentadas atualmente, se iniciou com pedidos dos governos e secretarias, “a gente fazia o trabalho para participar de alguma ação ligada à área social, de educação, meio ambiente e cultura, cada vez mais, até o ponto da gente precisar criar o Instituto Cultural⁵”.

Quando questionado se acha que a Educação Ambiental precisa ser uma preocupação em todas as áreas profissionais, ou seja, se a Educação Ambiental precisa ser transversal, o autor e produtor diz que para gerar conscientização sobre os cuidados com o meio ambiente, existem duas forças principais: as crianças e os meios de comunicação; “se juntarmos as crianças que vão crescer e virar cidadãos conscientes e os meios de comunicação, talvez possamos cuidar melhor do meio ambiente”.

TURMA DA MÔNICA E MEIO AMBIENTE: UMA OUTRA LEITURA DO CONTEÚDO DE ALGUNS QUADRINHOS

Como já citado anteriormente, esta pesquisa buscou analisar as diferentes formas como as revistas de Mauricio de Souza, da Turma da Mônica, abordam a temática meio ambiente, difundindo assim alguns saberes ambientais. O estudo procura também explicitar qual a concepção que os personagens trazem de natureza, podendo os mesmos se sentirem parte

⁴ Para maiores informações sobre a entrevista consultar: MEDEIROS, Y. A Turma da Mônica na onda da Educação Ambiental. In: Aguapé - Educação Ambiental para o Pantanal. Campo Grande, Acessado em julho de 2008. Disponível em: http://www.redeaguape.org.br/revista_artigos.php?id=6&text=368.

⁵ O Instituto Cultural foi criado na década de 90, para elaboração de projetos de ação social nas áreas de saúde, educação, meio ambiente e cultura. Essa década corresponde ao início das primeiras medidas tomadas no Brasil em relação à criação de políticas ambientais, a citar: PRONEA, PCNs e PNEA.

integrante do ambiente que os cerca, ou se verem como seres separados do ambiente, sendo a natureza um bem a ser classificado e utilizado pelo ser humano conforme suas vontades.

O processo de busca do material empírico que faz parte do trabalho, se deu através de procura em lojas especializadas, do tipo “sebos”, nas quais é relativamente fácil encontrar exemplares antigos dos mais variados tipos de histórias em quadrinhos. Depois de selecionado um universo amostral considerável, cada revista foi minuciosamente lida e as histórias relacionadas com temáticas ambientais previamente analisadas.

Do universo de revistas adquiridas, foram selecionadas seis para fazerem parte do presente trabalho, compreendendo seis anos de publicação, do ano de 1990 até 1995. Estas datas foram escolhidas dentro de um universo de análise maior, que compreende um conjunto de histórias dos anos de 1990 a 2006, componentes de uma pesquisa de Dissertação de Mestrado⁶.

Para realização da análise do material coletado, o método qualitativo foi utilizado, visto que segundo Minayo & Sanches (1993), o mesmo produz um aprofundamento na complexidade dos fatos, fenômenos e processos específicos, de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente. Além do seu alcance no que diz respeito a valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões. Os autores sugerem ainda a importância do método qualitativo de análise por sua capacidade de fazer emergir aspectos novos, de ir ao fundo do significado e de estar na perspectiva do sujeito, sendo especialmente importante para descobrir novos nexos e explicar significados.

As histórias e seus conteúdos

História I – Publicada em revista quinzenal de janeiro de 1990, página 24

Título da história:

Turma do Penadinho em: O Menino que Odiava Árvores

A história mostra um garoto chamado Neco Lógico, que sofreu um acidente quando garoto, ao subir em uma árvore para tentar pegar ovos de um ninho de pássaros; desde então, o garoto passou a odiar todas as árvores. A seqüência de quadros apresenta o garoto em uma série de circunstâncias que demonstram seu ódio pelas plantas e, conforme foi ficando mais velho, este

⁶ A pesquisa está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela mestranda Lívia Ludke Lisboa, sob orientação do Prof. Dr. José Cláudio Del Pino.

também começou a crescer. ‘As florestas desapareciam com suas machadadas’ e ‘seu maior prazer era ver uma árvore cair’, são textos presentes na história, que descrevem o sentimento de Neco Lógico.

Certo dia o garoto, representado então como um adulto, foi atingido por uma das árvores que cortava e acabou morrendo. Ao lado de seu túmulo cresceram várias árvores e, nos últimos quadros, aparece uma pergunta: “O que ele diria sobre isso” e, logo depois, o fantasma de Neco dizendo: “Eu odeio árvores”.

Esta história não mostra se as atitudes do garoto são adequadas ou não, e nem traz mensagem alguma sobre a relação do ser humano com as plantas. Dependendo da leitura realizada por quem entra em contato com esta história, pode-se entender que este tipo de sentimento em relação aos seres vivos, neste caso os vegetais, é comum, e que não há nada de errado em derrubar e destruir árvores.

História II – Publicada em 1991 na revista número 122, página 20

Título da história:

Papa-Capim em: A Cidade vem Aí!

A história mostra Papa-Capim e seu amigo Cafuné observando a aproximação da cidade grande em relação à floresta. Os dois dialogam e Papa deixa claro para seu amigo que a cidade é muito perigosa e que, caso ela chegue na floresta: “Adeus floresta, animais, natureza...”. Desta maneira, Papa tenta bolar alguma maneira para que isto não ocorra, dizendo ao seu amigo que “o homem branco” segue e usa sinais, portanto, eles somente precisam virar uma seta de indicação para que a “cidade” não encontre o caminho da floresta.

A seta não tem nenhum dizer, sendo apenas uma flecha que aponta em uma direção. Os indiozinhos então a viram para baixo e vão embora pensando ser aquilo suficiente para despistar a “cidade grande”. Ao final da história o plano parece ter dado certo, pois os prédios humanizados que representam a cidade, todos com semblantes fechados, como se tivessem intenções ruins, ficam andando em círculos e não conseguem chegar à floresta.

Nesta história fica clara a separação entre a cidade grande e a mata, representadas como sendo dois lugares antagônicos, incapazes de “conviverem” em harmonia. Isto remete também à dicotomização feita em relação ao homem branco e o índio, sendo que em ambos os momentos, tudo que remete à cidade parece ser mau e perigoso.

História III – Publicada em 1992 na revista número 132, página 19

Título da história:

Chico Bento em: Amigos Animais

Nesta história Chico Bento e seu primo Zeca, vindo da cidade, passeiam pelas redondezas do sítio de Chico, observando e brincando com os animais que vivem por ali. Chico mostra ao primo o cachorro Fido, que ele classifica como muito esperto; seu porquinho Torresmo; a galinha *Giserda*; a vaca *Maiada*, que faz com que não falte leite na casa de Chico; o cavalo Alazão; o bode Osório; entre outros animais.

Ao final da história Zeca diz para Chico que também tem uma porção de bichos na cidade onde mora: “Bichos de todos os tipos”. No último quadro, porém, o primo aparece com um semblante bucólico, lembrando o sítio e com diversos animais de pelúcia em sua volta, dizendo ser uma pena que aqueles bichos não são como os de Chico. Esta história mais uma vez nos remete a diferenciação e afastamento entre a cidade grande e o sítio, sendo que o sítio aparece como um lugar mais alegre e mais cheio de vida, com seus animais “espertos” e “úteis” ao ser humano.

História IV – Publicada em 1993 na revista número 2, página 109

Título da história:

Chico Bento em: O Dia em que o Progresso Chegou nas Histórias do Chico

Chico caminha em um local onde vê troncos de várias árvores cortados; ele cita o nome de várias delas, porém o leitor não pode distinguir qual é qual, pois só existem os restos dos troncos. Depois disso vê um homem dizendo que ali vão ser construídos um viaduto, um supermercado, um cinema, etc.

Nos próximos quadros o garoto se apavora ao ver que construíram uma cidade na sua história. Encontra Rosinha, sua namorada, com uma máscara protetora para não respirar a poluição e saem caminhando vendo a destruição que a “cidade” causou. Depois disso Chico se revolta e busca uma borracha, para apagar tudo aquilo que o está incomodando. Desenha com a ajuda de Rosinha então um cenário com árvores, um lago com patos e uma casinha ao fundo.

Nesta história a solução para o problema que Chico enfrenta é simplesmente apagar com uma borracha a poluição e a cidade, como se isto fosse possível na vida do leitor. Não é

apresentada nenhuma reflexão sobre a situação que os personagens enfrentam, e a solução apontada para os seus problemas é utópica.

História V - Publicada em 1994 na revista número 44, página 63

Título da história:

Mônica em: Regar

Na história Mônica aparece tentando regar uma pequena flor que cresce perto de sua casa. Um homem porém a arranca do chão para dar de presente para sua mulher, que a planta em um vaso, mas logo depois joga o mesmo na cabeça do homem, pois o viu paquerando outra garota.

Mônica pega de volta a flor e a replanta no chão. Depois disso tenta novamente regar a planta, mas começa a chover. A menina fica brava e vai até em casa buscar um guarda-chuva, com o qual não deixa que a água da chuva molhe a flor, porém usa seu regador para tal.

Nesta história o autor poderia ter trabalhado alguns conceitos relativos às ações que algumas pessoas têm de arrancar flores, folhas, derrubar plantas, etc. Além disso, Mônica, irritada, impede que um processo natural ocorra, para poder satisfazer sua vontade de regar aquela flor.

História VI – Publicada em junho de 1995, em revista mensal, página 24

Título da história:

Papa-Capim em: O Presente Ideal

A história é composta por diversos quadros, mostrando um “homem branco” que busca na selva algum presente para dar a sua mãe no dia de seu aniversário. No caminho ele encontra Papa-Capim, que fica muito preocupado em ver aquele homem tentando caçar alguns animais para preparar um presente: uma onça para fazer um casaco; um jacaré que daria uma linda bolsa; um pássaro “quase extinto” para elaborar uma fantasia; borboletas para confeccionar um quadro, e até mesmo o tronco de uma árvore, para tentar produzir alguma coisa.

Papa ensina ao homem como produzir um vaso de barro e como pintá-lo com alguns corantes naturais. O índio diz que assim ele “criou alguma coisa sem precisar destruir outra”. O homem larga a espingarda que carregava e dirige-se até sua casa, entregando o vaso para sua mãe, que diz tê-lo achado lindo. No último quadro os dois aparecem sentados lado a lado na sala da casa, com semblantes felizes e com a mãe dizendo: “Não sei porque meu filho, mas parece que

este cantinho ficou o mais alegre da casa”. Porém, neste quadro, pode-se ver que a decoração da sala é composta basicamente por animais empalhados, peles servindo de tapete, uma bolsa de couro de jacaré, penas de aves como enfeites, borboletas em quadros e duas espingardas acima da lareira, como peças centrais.

A mensagem desta história fica confusa quando comparamos o início e o final da mesma, pois no desenrolar dos quadros, a intenção do autor é mostrar que não é correto matar os animais para torná-los enfeite, porém, ao final da história, as peles, penas e animais empalhados são mostrados como algo belo, sendo “o cantinho mais alegre da casa”.

SABERES AMBIENTAIS NAS HQs DA TURMA DA MÔNICA...OS CONTEÚDOS ANALISADOS

Acredita-se ser de extrema importância este tipo de estudo e análise, visto que a literatura, seja ela qual for, pode ser compreendida como um tipo de experiência humana que informa, ajuda na formulação de teorias e hipóteses, e fornece bases para a formação dos sujeitos. Portanto, sugere-se com este trabalho que existe muito mais por trás de uma leitura despreocupada e rápida do que se pode imaginar. Além disso, segundo Lisbôa (2006), acredita-se que se pode muitas vezes pensar que um filme *hollywoodiano*, uma novela do horário nobre e uma revista em quadrinhos são somente passatempos, que são buscados apenas nas horas vagas, a serem preenchidas com algo que não faça pensar muito e que divirta ao mesmo tempo. Porém, como foi apontado ao longo desta pesquisa, estes materiais, vistos como pedagogias culturais, são capazes de produzirem “verdades”, crenças, mitos, valores e, principalmente, são capazes de produzirem sujeitos e suas identidades.

Pode-se inferir, após uma leitura mais aprofundada sobre os conteúdos das histórias tomadas como material de estudo, que a natureza, nas HQs selecionadas para a pesquisa, é mostrada como um lugar bucólico, de paz e, preferencialmente, sem a presença humana. Além disso, existe uma visão que diferencia, separa e afasta as pessoas do campo e as pessoas da cidade. A “cidade grande” é mostrada através dos desenhos e das feições dos personagens, como causadores de distúrbio, de poluição, de caos. De acordo com De Paula (1998), a sociedade tem como presente para si a imagem que mostra o cenário rural como algo à parte, separado da cidade. A autora sugere que desde a década de 30, principalmente, quando a sociedade começa a passar por um processo de modernização, essa visão dicotômica está presente. Na sociedade

global atual, o campo e a cidade estão e são explicitamente separados por fronteiras geográficas e culturais. Outro ponto, que vem a tona durante a análise dos conteúdos, é o fato de não serem apresentadas formas viáveis de superação dos problemas enfrentados, e sobre isso Barcelos (2001, p.490) afirma:

A representação dos problemas ecológicos como exterioridade, suas possíveis causas, bem como, os (as) possíveis responsáveis pela sua solução, nada mais são que mais uma consequência do paradigma moderno de oposição entre seres humanos e “mundo natural” ou “natureza”, onde tudo acaba por se resumir em exterioridade.

O discurso que apenas mostra os problemas e não sugere alternativas para solucioná-los torna-se vazio. Faz-se necessário que caminhos possíveis e viáveis sejam apontados, para que os seres humanos, no caso, os leitores, possam refletir sobre mecanismos de reversão dos problemas ambientais enfrentados e apresentados.

Observa-se também o fato de o ser humano ser mostrado como sendo homogêneo, como se todos tivessem os mesmos tipos de atitudes, excetuando-se o índio e o homem do campo, que vivem em harmonia com os outros seres. Não são apresentadas distinções entre as diferentes culturas dentro da sociedade, sendo que o “homem branco” é generalizado por senso comum, como alguém que compõe uma civilização predatória. Tal homogeneização do ser humano não mostra ao leitor que existem diversos povos e culturas que vivem em harmonia com o meio ambiente, sendo então posta como única a ação destrutiva do “homem”; não ficando claro que esse “homem” é branco, ocidental, participante de uma civilização predatória em seu paradigma e imerso no fenômeno da globalização (VIEZZER, 1996).

Mostra-se também presente nas HQs analisadas uma visão utilitarista dos animais, sendo que alguns deles são mostrados como tendo importância por significarem um certo valor monetário, ou por serem “úteis” para quem os possui ou os encontra na natureza. Assim se expressam, por exemplo, as representações que denotam humanizar os animais, as plantas etc. Esta ótica antropocêntrica mostra o ser humano como sendo algo à parte da natureza, podendo comandá-la e utilizá-la da maneira que achar melhor.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No Brasil, e mundialmente, a preocupação em trabalhar a EA, e todas as questões ambientais, dentro e fora da sala de aula, tem crescido significativamente. Pode-se perceber que ações voltadas para os mais diversos segmentos da população têm crescido, sendo os executores

destas ações um grande número de segmentos e instituições, inclusos aí os meios de comunicação, sejam eles impressos, visuais, audiovisuais, etc. Portanto, mostra-se necessário um aprofundamento dos estudos que analisam o que e de que modo têm se dado estas práticas, para que assim o debate e o conhecimento sobre a maneira como as questões ambientais são tratadas e apresentadas nestes veículos, no caso HQs, possa ser compreendida.

Levando em consideração a leitura mais aprofundada dos conteúdos presentes nas HQs, pode-se sugerir que temas ligados a EA necessitam ser trabalhados com certa complexidade, para que não ocorra uma diminuição da importância do conteúdo apresentado, não significando porém, que a leitura deva ser carregada e nebulosa. O que se pretende é que estas leituras prendam a atenção, criando impacto e enriquecendo o vocabulário de quem a lê, criando, além disso, uma atmosfera que mobilize o leitor, não o deixando apático frente aos problemas apresentados.

É necessário também que os veículos de comunicação impressa em geral, e entre eles as HQs, não caiam no discurso patriarcal da luta e do confronto, sendo que a denúncia deve ocorrer, mas que também as soluções sejam apresentadas, pois, como já anteriormente mencionado, o discurso que aponta os problemas e não sugere soluções, acaba por tornar-se vazio. Por exemplo, além de mostrar os problemas acarretados pelo crescimento demasiado das cidades, da poluição dos rios, do distanciamento entre o ser humano e outros seres vivos, faz-se indispensável que seja instigada no leitor também a vontade de refletir sobre a maneira para contornar estas situações.

Com isto, e além disto, o leitor pode não compreender as mensagens implícitas ou explícitas das HQs, no momento em que as temáticas ambientais trazidas, no caso das histórias deste estudo, se confundem, sem sugestões de reflexão sobre os assuntos tratados, bem como com uma considerável superficialidade de apresentação das problemáticas em questão (caça ilegal, poluição, desmatamento, etc.). O intuito não é, porém, afirmar que a leitura realizada nesse trabalho é a correta, visto que cada leitura é uma nova descoberta, e cada sujeito interpreta um texto a sua maneira. Pode-se, porém, registrar que, mesmo que a idéia central deste segmento editorial de revista, que busca no núcleo de sua produção trazer divertimento e incentivo ao hábito da leitura, não seja um aprofundamento de conceitos das ciências e da Educação Ambiental, é de suma importância que temas ligados às questões ambientais, produzam nos leitores uma reflexão sobre o que é apresentado.

Desta maneira, este tipo de mídia impressa, se bem apropriada, pode ser utilizada dentro e fora da sala de aula, produzindo sujeitos pensantes e críticos sobre o ambiente que os cerca. Também é de grande importância atentar para o fato de que, segundo Trajber (1996), não existem textos neutros, sendo que todos têm uma visão de mundo que pode não estar explícita, mas mostra-se aberta e pronta para interpretações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, M. B. *Representações de natureza e a educação pela mídia*. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação. Mestrado em Educação - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BARALDI, G. *Histórias em Quadrinhos: Cultura e Ideologia*. Porto Alegre: PUCRS, 1986. Monografia. Graduação em Publicidade e Propaganda – Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- BARCELOS, V.H.L. Educação Ambiental, Representações Sociais e Literatura: um Estudo a Partir do Texto Literário de Octávio Paz. In: SATO, M. & SANTOS, J. E. *A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001. p.479 – 495.
- BHABHA, H.K. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL. *Lei nº 9.796, de 27 de abril de 1999: dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências*. Brasília: Diário Oficial, 28 de abril de 1999.
- COUPERIE, P. DESTEFANIS, P. FRANÇOIS, E. HORN, M. MOLITERNI, C. & TALABOT, G.G. *História em Quadrinhos e Comunicação de Massa*. São Paulo: Delta, MASP, 1970.
- DE PAULA, S. G. *O Country no Brasil Contemporâneo*. Revista História, Ciências, Saúde, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, vol. 5, 1998.
- FAGUNDES, N.C, FRÓES, B.T. *Discutindo a relação entre espaço e aprendizagem na formação de profissionais de saúde*. Interface: Comunicação, Saúde, Educação, v.9, n.16, p.105-14, 2004.

- FEIJÓ, M. *Quadrinhos em Ação: um século de história*. São Paulo: Moderna, 1997.
- FIGUEIREDO, R. S. A interface com a Educação Ambiental. In: BRUM, Eron; FARIAS, Regina (Org.). *A mídia do Pantanal*. Campo Grande: UNIDERP, 2001. p. 195-208.
- KINDEL, E. A. I.; SILVA, F. W. da & SAMMARCO, Y. M. *Educação Ambiental: Vários Olhares e Várias Práticas*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.
- LIMA, D. *A História em Quadrinhos como Veículo Jornalístico*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Monografia. Graduação em Comunicação Social e Jornalismo – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LISBÔA, L. L. *As Histórias em Quadrinhos de Mauricio de Souza e a Difusão de Saberes Ambientais*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Monografia. Graduação em Ciências Biológicas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PRESSANTO, A.J. *O ecodesign como instrumento de Educação Ambiental em instituições de ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Engenharia), Faculdade de Engenharia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- SANTOS, C.A. *O discurso dos experts na constituição das identidades infantis e de gêneros na mídia impressa brasileira*. Revista Pró-Posições, v.16, n.3, set/dez. 2005.
- SCHMIDT, M.A.M.S. *O significado das histórias em quadrinhos na educação histórica dos jovens que estudam no ensino médio*. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná, 2007.
- TRAJBER, R. MANZOCHI, L.H. Introdução. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: Materiais Impressos*. São Paulo: Editora GAIA, 1996. p.15 – 35.
- VIEZZER, M. RODRIGUES, C.L. & MOREIRA, T. Relações de Gênero na Educação Ambiental. In: TRAJBER, R. e MANZOCHI, L.H. (orgs) *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: Materiais Impressos*. São Paulo: Editora GAIA, 1996. p.138 – 152.